

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA

**Andressa Ávila de Souza**

**BARBOSA LESSA: UMA REVISÃO SOBRE A  
ORGANIZAÇÃO E RESGATE DAS DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS**

Porto Alegre,

2019

Andressa Ávila de Souza

**BARBOSA LESSA: UMA REVISÃO SOBRE A  
ORGANIZAÇÃO E RESGATE DAS DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Dança.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Izabela Lucchese Gavioli

Porto Alegre,

2019

Andressa Ávila de Souza

**BARBOSA LESSA: UMA REVISÃO SOBRE A  
ORGANIZAÇÃO E RESGATE DAS DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS**

Conceito final:

Aprovada em ..... de ..... de .....

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luisa Oliveira - UFRGS

---

Orientadora - Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Izabela Lucchese Gavioli - UFRGS

## CIP - Catalogação na Publicação

Ávila de Souza, Andressa

Barbosa Lessa: Uma revisão sobre a organização e resgate das danças tradicionais gaúchas / Andressa Ávila de Souza. -- 2019.

43 f.

Orientador: Izabela Lucchese Gavioli.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de  
Educação Física, Licenciatura em Dança, Porto Alegre,  
BR-RS, 2019.

1. Barbosa Lessa. 2. Danças Gaúchas. 3.  
Tradicionalismo. I. Lucchese Gavioli, Izabela, orient.  
II. Título.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os professores que contribuíram diariamente com seu conhecimento e dedicação, sendo importantes em minha jornada acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao cara lá de cima, pois é ele quem me dá forças todos os dias para continuar.

À minha mãe, que batalhou, persistiu e acreditou em mim, me apoiou e me ajudou a ser quem sou.

À minha irmã, que eu amo tanto e que nunca duvidou do meu potencial.

À minha tia Gorda que sempre foi essencial na minha vida, minha segunda mãe. Jamais conseguirei retribuir tudo o que já fizestes por mim.

Aos amigos que a dança me deu, por todos os momentos lindos que o curso proporcionou. Cada um cativou o seu lugarzinho especial na minha vida e eu levarei todos no coração.

Aos professores, por todo o conhecimento adquirido ao longo do curso e por todo o apoio nos momentos difíceis.

E por último, e não menos importante... À minha orientadora Izabela, que foi fundamental nesse processo, não deixou de acreditar no meu potencial um dia sequer. Teve paciência, dedicação e me mostrou que amizade entre professor e aluno existe sim! Agradeço como aluna do curso e admiradora, pois és uma excelente profissional e uma pessoa incrível. Que sorte a minha em tê-la por perto.

Gratidão!

## EPÍGRAFE

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.”

José de Alencar

## RESUMO

O presente estudo constitui uma revisão bibliográfica sobre a vida e a obra de Barbosa Lessa, através de uma abordagem Histórico-Cultural, no qual busca apresentar como se deu o resgate e recriação das danças gaúchas a partir das pesquisas de campo realizadas por Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, bem como a sistematização e organização do tradicionalismo gaúcho, que teve como principal mentor Glaucus Saraiva. Os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa consistiram em fichas de leituras, através da revisão bibliográfica acerca do tema. Considerado um dos maiores nomes do tradicionalismo gaúcho, Barbosa Lessa nos deixou histórias, pesquisas e ideias importantes para cultura do Rio Grande do Sul, tanto na dança quanto na literatura e na música.

**Palavras-Chave:** Barbosa Lessa. Danças gaúchas. Tradicionalismo.



## **ABSTRACT**

The present study is a bibliographical review about the life and work of Barbosa Lessa, through a Historical-Cultural approach, which seeks to present as a Gaucho dances were rescued and recreated from the field research conducted by Barbosa Lessa and Paixão Côrtes, as well as the systematization and organization of Gaucho traditionalism, whose main mentor was Glaucus Saraiva. The methodological procedures adopted for this research consisted of reading sheets, through the literature review on the subject. Considered one of the biggest names in gaucho traditionalism, Barbosa Lessa left us stories, research and important ideas for Rio Grande do Sul culture, both in dance, literature and music.

**Keywords:** Barbosa Lessa. Gaucho dances. Tradicionalism.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1</b> – Barbosa Lessa.....	15
<b>Figura 2</b> – Grupo dos 8.....	25
<b>Figura 3</b> – Primeira sede do 35 CTG.....	28
<b>Figura 4</b> – Paixão Côrtes e Barbosa Lessa. ....	33
<b>Figura 5</b> – Mapa das RT do Estado do Rio Grande do Sul. ....	38

## **Lista de Abreviaturas**

CBTG – Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha.

CTG – Centro de Tradições Gaúchas.

ENART – Encontro de Artes e Tradições Gaúchas.

FEGART – Festival Estadual de Arte Popular e Folclore.

IGTF – Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore.

IHGRS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho.

RT – Região Tradicionalista.

UNESCO – Organização das Nações Unidas.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	14
2.1 Problema de pesquisa .....	14
2.2 Objetivo geral .....	14
2.3 Objetivos específicos .....	14
<b>3 DADOS BIOGRÁFICOS</b> .....	15
3.1 Do interior para a capital .....	15
3.2 Obras.....	17
<b>4 A ORGANIZAÇÃO DO TRADICIONALISMO GAÚCHO</b> .....	24
4.1 Barbosa Lessa e Grupo dos 8.....	24
4.2 35 CTG.....	27
<b>5 CRIAÇÃO E RESGATE DAS DANÇAS GAÚCHAS</b> Error! Bookmark not defined.	
5.1 Primeiros passos.....	31
5.2 MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho .....	34
5.3 ENART – Encontro de Artes e Tradição Gaúcha .....	36
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica sobre a vida e obra de um dos maiores nomes do tradicionalismo gaúcho, através de uma abordagem Histórico-Cultural.

“Nossas tradições, quando estavam morrendo, pelo esquecimento, receberam a provocação dos estudiosos Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, que embrenharam-se pelos recantos da querência e estâncias vizinhas, recolhendo coreografias de muitas danças”. (LAMBERTY, 1989, p.146).

Os estudos que tratam de Barbosa Lessa abordam aspectos diversos de sua obra, mas não relatam sobre as pesquisas de campo junto a Paixão Côrtes e de sua contribuição para a criação e resgate das danças tradicionais gaúchas. A abordagem deste estudo pretende detalhar tais aspectos.

Minha aproximação ao tema se deu desde o início da graduação, pois sempre tive muito interesse na história da dança gaúcha e, especialmente, em folcloristas como Barbosa Lessa, Paixão Côrtes, Glaucus Saraiva, entre outros que fizeram parte da sistematização do folclore gaúcho.

O trabalho está dividido da seguinte maneira: a introdução ambienta o leitor sobre o tema e as justificativas de escolha ao mesmo; no capítulo dois apresento a metodologia deste estudo, onde utilizarei a revisão bibliográfica para a construção do trabalho. No capítulo três escrevo sobre a biografia de Barbosa Lessa, traçando um panorama sobre o início de sua carreira como escritor e posteriormente como jornalista, historiador e folclorista. Nos capítulos quatro e cinco falarei sobre a sua parceria com Paixão Côrtes, e sua busca no resgate cultural das nossas tradições, além de apresentar os resultados dos anos de estudo e pesquisas que ambos realizaram, bem como as contribuições que deixaram para a nossa cultura. Por fim, o sexto capítulo traz as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

## **2 METODOLOGIA**

O presente estudo situa-se no campo da pesquisa qualitativa, com natureza de objeto histórica e biográfica. A metodologia de investigação é bibliográfica e documental; bibliográfica na medida em que se utiliza das contribuições de diversos autores sobre a temática do estudo; e também documental por utilizar materiais primários que não receberam tratamento analítico (SÁ-SILVA et al, 2009; DE LIMA, 2011).

### **2.1 Problema de pesquisa**

Como Barbosa Lessa contribuiu para o resgate e a reconstrução da cultura tradicionalista gaúcha?

### **2.2 Objetivo geral**

O objetivo geral do presente estudo é apresentar as contribuições de Barbosa Lessa no processo de resgate da cultura e das danças tradicionais gaúchas.

### **2.3 Objetivos específicos**

Os objetivos específicos deste estudo são os seguintes:

- a) Descrever a biografia de Barbosa Lessa bem como as suas obras;
- b) Relatar como se deu o processo de pesquisas ao lado de Paixão Côrtes;

### 3 DADOS BIOGRÁFICOS

#### 3.1 Do interior para a capital

Luiz Carlos Barbosa Lessa (figura 1) nasceu em 13 de dezembro de 1929, em uma chácara nas imediações da histórica vila de Piratini (capital farroupilha). Seu pai, Dr. Luiz de Oliveira Lessa, era um médico de classe média graduado no Rio de Janeiro, e sua mãe, dona Alda Barbosa, era filha da elite agrária da região sul do Estado. Criado próximo das lidas rurais, fora iniciado nas letras pela própria mãe, que também o introduziu na teoria musical, piano e datilografia (ZALLA, 2010).

**Figura 1 –** Barbosa Lessa.



Fonte: Associação dos Amigos da Casa de Cultura Mário Quintana (AACCMQ).

Precoce, começou a carreira de pesquisador e jornalista com os 12 anos de idade; ao ir cursar o ginásio na cidade de Pelotas-RS (Ginásio Gonzaga), fundou o jornal escolar "O Gonzagueano", em que publicou seus primeiros contos regionais de fundo histórico (DUARTE, 2000).

Aos 13 anos organizou o conjunto musical "Os Minuanos", que tocava principalmente tango e boleros, já que música gaúcha quase não havia na época. Em dada oportunidade, pediu um poncho emprestado e declamou um poema de Vargas Neto (poeta gauchesco) numa atividade da escola, o que representariam seus primeiros passos dentro do gauchismo, ainda em Pelotas (MACIEL, 1999).

Em 1945, partiu para a capital para cursar o 2º ano colegial, ingressando no Colégio Júlio de Castilhos. Aos 16 anos já colaborava para uma das principais revistas brasileiras de cultura, "Província de São Pedro", e obteve seu primeiro emprego como revisor e repórter da "Revista do Globo" (ZALLA, 2010).

Em 1948, por exigência de seu pai, ingressou na faculdade de Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, colando grau em 1953, embora não tenha exercido a profissão um dia sequer (DUARTE, 2000).

Entre os anos de 1950 a 1952, ao lado de Paixão Côrtes, realizou o levantamento de resquícios de danças regionais e produziu a recriação das danças tradicionais, esforço que resultou no primeiro Manual de Danças Gaúchas (1956), e no LP "Danças Gaúchas", gravado pela cantora paulista Inezita Barroso. Em 1953, o Conjunto Farroupilha gravou sua composição "Negrinho do pastoreio", considerado hoje um clássico da música regional gaúcha (MACIEL, 1999).

As andanças pelo mundo da intelectualidade o exilaram na capital paulista por duas décadas; em 1954, mudou-se para São Paulo, envolvido com produção de rádio, televisão, teatro e cinema, propaganda e relações públicas. Teve contato com Inezita Barroso e passou a fazer divulgação de danças gaúchas em programas de rádio. No mesmo ano, incentivou a realização do I Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Maria-RS, onde apresentou e teve sua tese de base sociológica aprovada ("O Sentido e o Valor do Tradicionalismo") (DUARTE, 2000).

Em 1956, montou o grupo teatral: "Não te assusta, Zacaria", que percorreu o país divulgando os costumes e as danças folclóricas do Rio Grande do Sul. O espetáculo fez tanto sucesso que mais tarde foi encenado pelo Grupo Folclórico Brasileiro, no Teatro São Pedro, em Porto Alegre-RS, com Paixão Côrtes de protagonista (MENDONÇA, 2013).

Em 1974, retornou ao Rio Grande do Sul, continuando a dedicar-se à pesquisa sobre os temas gaúchos, já como especialista em Comunicação Social. Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) e nos quadros da Academia Rio-Grandense de Letras (ARL) (ZALLA, 2010).

Em 1980, durante a administração de Amaral de Souza, foi nomeado Secretário Estadual da Cultura, tendo então idealizado para Porto Alegre um centro oficial de cultura acadêmica, que veio a pré-inaugurar em março de 1983: a Casa de Cultura Mário Quintana (ZALLA, 2010).



Foi Conselheiro Benemérito do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) e seu nome intitula a mais alta comenda do tradicionalismo gaúcho, a “Medalha do Mérito Tradicionalista Barbosa Lessa”. Presidiu o 30º Congresso Tradicionalista, realizado em Piratini-RS, em 1985 (MTG, documento eletrônico).

Aposentou-se em 1987 como jornalista e passou os últimos anos de sua vida em uma reserva ecológica do município de Camaquã-RS, com sua esposa Nilza. Em 1998 compôs o Hino Tradicionalista, aprovado no 43º Congresso Tradicionalista, realizado em janeiro de 1998 em Santa Cruz do Sul-RS (ZALLA, 2010).

Em 1999, foi eleito um dos “20 gaúchos que marcaram o século XX” e em 2000 foi escolhido pela Câmara Rio-Grandense do Livro para patrono da 46ª Feira do Livro de Porto Alegre (ZALLA, 2010).

Em 2002, no mesmo ano de seu falecimento, foi lançado pelo selo ACIT o CD "Barbosa Lessa: 50 anos de música", trazendo suas principais composições, entre elas, a dança tradicionalista "Balaio", com Inezita Barroso, a "Milonga do moço velho" e o Chote "Aroeira", com Luiz Gonzaga.

### 3.2 Obras

Barbosa Lessa, antes de ser folclorista, foi um escritor e embora sua obra literária tenha ficado à sombra de uma inegável liderança intelectual no Movimento Tradicionalista Gaúcho, é na literatura que percebemos sua extensa e profunda contribuição à cultura gaúcha (FIGUEREIDO, 2006).

Escreveu cerca de 61 obras, entre contos, músicas e romances. A grande maioria das obras tratam sobre assuntos relacionados aos costumes, tradições, lendas ou folclore do Rio Grande do Sul, incluindo imagens, ilustrações e fotos.

A seguir a tabela 1, que mostra o conjunto de suas obras literárias.

**Tabela 1** – Obras literárias de Barbosa Lessa.

<b>Título</b>	<b>Característica</b>	<b>Editora/Distribuidora</b>	<b>Local</b>	<b>Ano</b>
<b>As mais belas poesias gauchescas</b>	Seleção e notas	Tip. Goldman	Porto Alegre	1951
<b>Esquemas de direito administrativo</b>	Apostila	Faculdade de Direito	Porto Alegre	1953

<b>História do chimarrão</b>	Revista	Revista do Arquivo Municipal	São Paulo	1953
<b>O sentido e o valor do tradicionalismo</b>	Tese	Primeiro Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul	Santa Maria	1954
<b>Manual de danças gaúchas</b>	Livro, co- autoria com Paixão Côrtes	Irmãos Vitale	São Paulo	1956
<b>Primeiras noções de teatro</b>	Didático	Francisco Alves	São Paulo	1957
<b>O boi das aspas de outro</b>	Contos	Globo	Porto Alegre	1958
<b>Os guaxos</b>	Romance	Francisco Alves	São Paulo	1959
<b>Arquivos de danças brasileiras</b>	Plaquete	Francisco Alves	São Paulo	1959
<b>Cancioneiro do rio grande</b>	Letra de música	Seresta	São Paulo	1962
<b>Nova história do brasil</b>	Livro	Globo	Porto Alegre	1967
<b>O justiceiro da estrada</b>	Quadrinhos	Scania-Vabis	-	1973
<b>O crime é um caso de marketing</b>	Policial	Globo	Porto Alegre	1975
<b>Danças e andanças da tradição</b>	Livro, co- autoria com Paixão Côrtes	Garatuja	Porto Alegre	1975
<b>Porto Alegre: terra-gente</b>	Livro	Epatur	Porto Alegre	1976
<b>Uma história real</b>	Biografia	Grupo Joaquim Oliveira	Porto Alegre	1977
<b>Mão gaúcha - introdução ao artesanato sul-rio-grandense</b>	Livro, ilustrações de Fernando Jorge Uberti	Fundação Gaúcha do Trabalho	Porto Alegre	1978

<b>Rodeio dos ventos</b>	Contos	Globo	Porto Alegre	1978
<b>O Rio Grande do Sul através da Debret</b>	Relatório ilustrado	Samrig	Porto Alegre	1978
<b>Usos e costumes gaúchos</b>	Ilustrações de Fernando Jorge Uberti	Ipiranga/Fertisul	Porto Alegre	1978
<b>Pequena antologia do bolicho</b>	Livro	Epatur	Porto Alegre	1978
<b>Serviços de campo</b>	Poesia, poesia, pranchas de João Mottini	Ipiranga/Fertisul	Porto Alegre	1979
<b>O gaúcho ontem e hoje</b>	Fotos de Leonid Streliaev	Samrig	Porto Alegre	1979
<b>Comunicação social na área do saneamento básico</b>	-	10º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária	Manaus	1979
<b>Problemas brasileiros, uma perspectiva histórica (2 volumes)</b>	Livro	Globo	Porto Alegre	1980
<b>Pólos culturais do Rio Grande do Sul</b>	Livro	Governo do Estado, SCDT	Porto Alegre	1981
<b>Os doze Rio Grandes</b>	Fotos de Leonid Streliaev	Samrig	Porto Alegre	1981
<b>Calendário histórico-cultural do Rio Grande do Sul</b>	Livro	Governo do Estado, SCDT	Porto Alegre	1981

<b>Mar de dentro (Lagoa dos Patos)</b>	Fotos de Leonid Streliaev	Samrig	Porto Alegre	1982
<b>Vida e obra de Severino de Sá Brito</b>	Livro	Academia Riograndense de Letras	Porto Alegre	1983
<b>Relatório dos cem anos - Livraria do Globo 1883- 1983</b>	Livro	Globo	Porto Alegre	1983
<b>Negrinho do pastoreio</b>	Com pranchas de J. Antônio Vieira	brinde Riocell	Guaíba	1983
<b>Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo</b>	História	Globo	Porto Alegre	1984
<b>São Miguel da humanidade - Missões</b>	Livro	edção especial Samrig	-	1984
<b>Pró-memória Farroupilha</b>	Fotos Liane Neves	Banco Bamerindus	Curitiba	1985
<b>Nativismo, um fenômeno social gaúcho</b>	Livro	L&PM	Porto Alegre	1985
<b>Aspectos da sociabilidade do gaúcho</b>	Livro, co- autoria com Paixão Côrtes	Represom	Porto Alegre	1985
<b>Domingos José de Almeida - biografia</b>	Livro	Tchê/RBS	Porto Alegre	1985
<b>Borges de Medeiros - biografia</b>	Livro	Tchê/RBS	Porto Alegre	1985
<b>Histórias dos Índios</b>	Infanto- juvenil, ilustrações	Tchê/RBS	Porto Alegre	1985

	Hélio A. Nardi Filho			
<b>Histórias das Missões</b>	Infanto-juvenil, ilustrações Hélio A. Nardi Filho	Tchê/RBS	Porto Alegre	1985
<b>Aventuras na Serra do Pinto</b>	Infanto-juvenil, ilustrações Hélio A. Nardi Filho	Tchê/RBS	Porto Alegre	1986
<b>O burrinho Marco Polo</b>	Infanto-juvenil, ilustrações Hélio A. Nardi Filho	Tchê/RBS	Porto Alegre	1986
<b>O tesouro do Arroio do Conde</b>	Infanto-juvenil, ilustrações Hélio A. Nardi Filho	Tchê/RBS	Porto Alegre	1986
<b>República das carretas</b>	Romance	Tchê/RBS	Porto Alegre	1986
<b>Era de Até</b>	Estudo indigenista	Globo	São Paulo	1993
<b>Almanaque dos Gaúchos - primeiro semestre</b>	Livro	Martins Livreiro Editora	Porto Alegre	1997
<b>Almanaque dos Gaúchos - segundo semestre</b>	Livro	Martins Livreiro Editora	Porto Alegre	1997

Fonte: Página do Gaúcho (documento eletrônico).

Além da extensa obra literária, Barbosa Lessa fez uma importante contribuição para o cancionero gaúcho. A parceria com Paixão Côrtes resultou em canções (tabela

2) utilizadas até os dias de hoje pelos centros e grupos de danças tradicionais gaúchas.

**Tabela 2 – Canções produzidas.**

<b>Nome da música</b>	<b>Data</b>	<b>Estilo</b>	<b>Parceria</b>
<b>Acalanto</b>	1962	Canção	
<b>Andarengo</b>	1963	Samba-canção	
<b>O Anu</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Aroeira</b>	1963	Chote	
<b>Balaio</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Balseiros do Rio Uruguai</b>	1963	Chamamé	
<b>Bambaquererê</b>	1978	Bambaquererê	
<b>Cana Verde</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Canção do Tropeiro</b>	1962	Toada	
<b>Cantiga de Eira</b>	1963	Cantiga-de-trabalho	
<b>Capitão Jagunço</b>	1960	Baião	Paulo Dantas
<b>Carreteiro</b>	1957	Toada	
<b>Chamarra do Calaveira</b>	1983	Chamarrita	Heleno Gimenez
<b>Chimarrita</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Chimarrita-Balão</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Chimarrita-Cafuné</b>	1957	Chimarrita	
<b>Chirimindé</b>	1957	Cantiga-de-trabalho (ervateiros)	Paixão Côrtes
<b>Chote Inglês</b>	1970	Chote	Paixão Côrtes
<b>Chote-Laranjeira</b>	1956	Chote	Paixão Côrtes
<b>Chula</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Curtição da Tradição</b>	1984	Suíte popular	Heleno Gimenez
<b>Despedida</b>	1963	Toada andante	
<b>Dezoito de Junho</b>			
<b>(Alma do Rio Grande)</b>	1963	Rancheira	José Manzano Filho
<b>Entrevero no Jacá</b>	1963	Limpa-banco	Danilo de Castro
<b>Feitiço Índio</b>	1957	Missioneira	
<b>Generoso</b>	1957	Toada	
<b>Hino do Octa- campeonato</b>	1974	Marcha-rancho e sambão	
<b>Kerb no Céu</b>	1974	Mazurca	
<b>João de Barro</b>	1963	Valsa	
<b>Jornada da Despedida</b>	1967	Cantiga de pastoril	
<b>Maçanico</b>	1955	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes

<b>Me Dá Um Mate</b>	1953	Limpa-banco	
<b>Meu Cabelo</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Meia-Canha</b>	1956	Serrana – polquinha	Paixão Côrtes
<b>Milonga do Bem Querer</b>	1960	Milonga	
<b>Milonga do Casamento</b>	1957	Milonga	
<b>Milonga do Moço Novo</b>	-	Milonga	
<b>Moço, êi Moço</b>	1963	Limpa-banco	Paixão Côrtes
<b>Nau Catarineta</b>	1954	Trova	
<b>Negrinho do Pastoreio</b>	1957	Toada	
<b>No Bom do Baile</b>	1957	Chote	
<b>Olhando a Moça</b>	1963	Recortado	
<b>Passarinho Bem-Querê</b>	1963	Polca missioneira	
<b>Pezinho</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Pôr-do-sol no Guaíba</b>	1976	Marcha-rancho	
<b>Quando Sopra o Minuano</b>			
<b>Levanta Gaúcho!</b>	1963	Rancheira	
<b>Quero-Mana</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Quero-Quero</b>	1957	Valsa campeira	
<b>Rancheira de Carreirinha</b>	1956	Dança tradicionalista	
<b>Redondo, Sinhá!</b>	1963	Limpa-banco	Paixão Côrtes
<b>Rilo</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Saracura</b>	1963	Polca missioneira	
<b>Salamanca do Jarau</b>	1963	Polca missioneira	
<b>Seu Bugio</b>	1966	Bugio	Paixão Côrtes
<b>Tatu</b>	1956	Dança tradicionalista	Paixão Côrtes
<b>Terra Morna</b>	1960	Toada missioneira	
<b>Tiarajú</b>	1963	Toada missioneira	

Fonte: Página do Gaúcho (documento eletrônico).

## 4 A ORGANIZAÇÃO DO TRADICIONALISMO GAÚCHO

### 4.1 Barbosa Lessa e Grupo dos 8

Quando o movimento tradicionalista teve início, em 1947, o país havia saído pouco tempo antes do período ditatorial do Estado Novo; dentre outras mudanças, houve a retomada da autonomia dos Estados e o estabelecimento de novas constituições estaduais. O governo de Getúlio Vargas foi caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo. Um dos primeiros atos de seu mandato foi a queima das bandeiras dos Estados em 4 de dezembro de 1937, no Rio de Janeiro, então Capital Federal. “Tal ato deveria ser repetido nos demais estados, porém no Rio Grande do Sul, as bandeiras não foram queimadas, e sim recolhidas” (CÔRTEZ, 1994, p.40).

Com o fim do Estado Novo, Porto Alegre, com seus anúncios luminosos e gás néon, passa a ser dominada por uma forte influência norte-americana, e a modernização torna-se um atrativo para a migração de jovens interioranos para a capital. É neste quadro de redemocratização de pós-guerra que um grupo de estudantes, liderados por João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes criam um Departamento de Tradições Gaúchas junto ao Grêmio Estudantil do colégio Júlio de Castilhos, o Julinho, com a “finalidade de preservar, desenvolver e proporcionar uma revitalização da cultura riograndense, interligando-se e valorizando no contexto da cultura brasileira” (MTG, documento eletrônico).

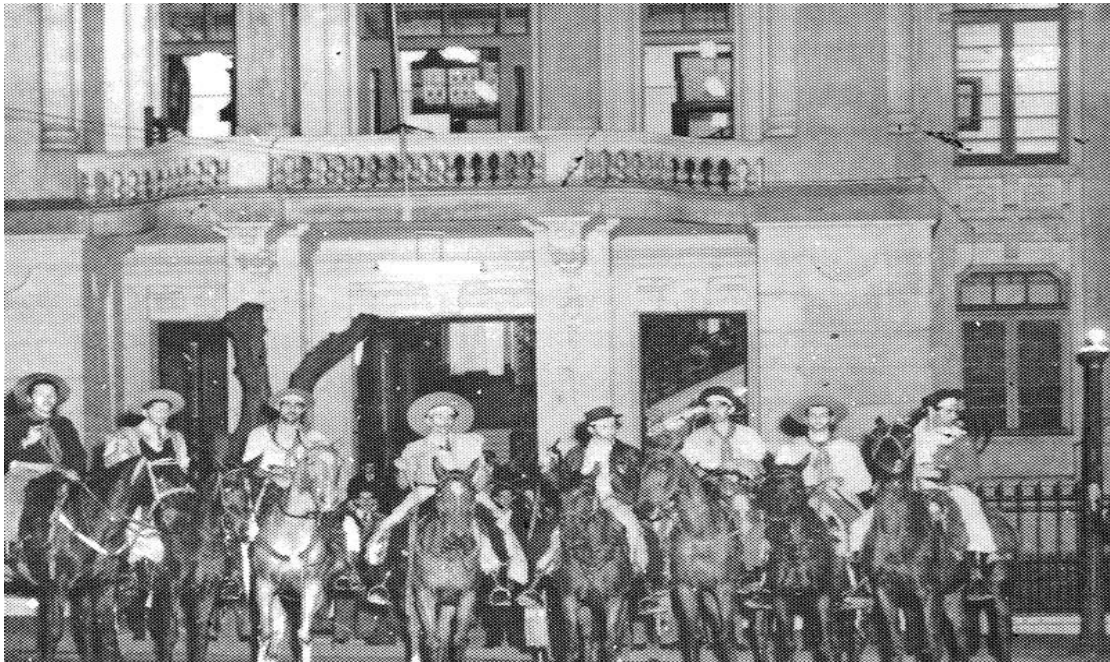
Como de costume, o Fogo Simbólico da Pátria era mantido no Julinho. No dia 7 de setembro, antes da chama extinguir, os jovens colheram uma centelha da “Pira da Pátria”, e a levaram até um “candeeiro” guardado sob uma pequena cabana improvisada, no pátio do colégio. Esta foi a primeira Ronda Gaúcha, a qual ocorreu de 7 a 20 de setembro, e que mais tarde viria a ser a Semana Farroupilha. Hoje oficializada em lei, com a participação de autoridades e desfiles militares e gauchescos, espelhando-se na Semana da Pátria, a Semana Farroupilha celebra um marco da identidade riograndense e é considerada a “data maior” do Estado (MACIEL, 1999).

Ainda em 1947, entre os festejos da Semana da Pátria, Paixão Côrtes ao entrar em contato com a Liga de Nacional, foi convidado a organizar uma “guarda de honra” de gaúchos para o traslado dos restos mortais de Davi Canabarro, um dos líderes



da Revolução Farroupilha, de Santana do Livramento-RS para o panteão do cemitério da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre. Para atender o convite, reuniu um piquete de oito gaúchos pilchados e, no dia 5 de setembro de 1947, prestaram a homenagem a Canabarro. Esse piquete, hoje conhecido como o Grupo dos Oito ou Piquete da Tradição, serviu como primeira semente que seria seguida no ano seguinte, na criação do “35” CTG (MTG, documento eletrônico).

**Figura 2 – Grupo dos 8.**



Fonte: MTG.

Tal grupo era formado por Cyro Dutra Ferreira, João Machado Vieira, Fernando Machado Vieira, Antônio João Sá de Siqueira, Ciro Dias da Costa, Cilso Campos, Orlando Jorge Degrazia e João Carlos Paixão Côrtes. A este, veio se integrar Barbosa Lessa, tornando-se o idealizador do movimento. Todos eles se constituíram naquilo que Nedel chamou de *folcloristas do tradicionalismo*:

Grupo composto de jovens agitadores culturais entre vinte e trinta anos, recém-egressos do interior do estado, procedentes de famílias remediadas residentes em pequenas cidades de antigas zonas de criação pecuária. Iniciantes em matéria folclórica, eles foram fundadores ou incorporados ao grupo de oito estudantes que, ao final dos anos quarenta, passara a se dedicar à fabricação sistemática de rituais e *tradições* criadas para serem encenadas nos *Centros de Tradições Gaúchas* (CTGs) – espaços de celebração e demarcação identitária que ainda hoje conferem materialidade ao imaginário gauchesco. (NEDEL, 2005, p. 7-8).

O grupo não seguia qualquer modelo pré-existente, por isso tiveram que buscar pela própria intuição o rumo que seria seguido. O grupo conhecia os escritores regionalistas, como Augusto Meyer, Coelho de Souza, Manoelito de Ornellas, Othelo Rosa, Moisés Vellinho, Walter Spalding, Simões Lopes Neto e Dante de Laytano. Também soube da existência do Grêmio Gaúcho, no entanto, Lessa afirma que “não havia nem sinal de gauchismo naquela sociedade recreativa” (LESSA, 1985, p. 60).

Tudo que se referisse às tradições gaúchas passou a ser criado e sistematizado nesse processo; o conjunto de vestimentas tradicionais do gaúcho passa a ser conhecida como pilcha, e tudo o que fosse referente à música, às danças, e ao conjunto de roupas que compõem o vestuário, passou a ser coletado, além do vocabulário característico da campanha e da forma de se cumprimentarem. A tarefa de criar as tradições gaúchas foi explicada por Lessa:

Quando algum elemento faltasse para a nossa ação, nós tínhamos de suprir a lacuna de um jeito ou de outro. Assim, por exemplo, qual o adjetivo que daríamos a nós mesmos quando estivéssemos vestidos à gaúcha? Alguém sugeriu “aperado”. Mas, “apero” é arriamento, é roupa de cavalo, o termo não ficava bem. Então, na ata de 8 de maio de 1948 o secretário Antônio Cândido se lembrou que *pilcha* é dinheiro ou o objeto de uso pessoal que possa ter valor pecuniário. “Vamos oferecer ao patrão de honra Paixão um churrasco, ao qual a indiada deverá ir toda pilchada”. E esse invento colou! (LESSA, 1985, p. 64).

Ainda segundo Barbosa Lessa, a maior dificuldade encontrada pelo grupo, foi a de encontrar canções que pudessem ser identificadas como provenientes do popular, pois o repertório de música regional era quase inexistente naquela época. Por conta disso ele compôs a toada *Negrinho do pastoreio*, a *Milonga do casamento*, *Milonga do bem-querer* e o chamamé *Balseiros do Rio Uruguai*, com intuito do público identificá-las como canções sendo do Rio Grande do Sul.

Barbosa Lessa reconhece que o movimento da invenção das tradições não foi uma exclusividade, nem mesmo uma novidade do Rio Grande do Sul. Ele afirma que tal fenômeno ocorreu em outros países e épocas para “reforçar a imagem nacional e diferenciá-la de outras nações que, por vizinhança ou prestígio, ameaçam absorvê-la culturalmente” (LESSA, 1985, p. 68). Como exemplo cita o livro de Hobsbawm, *A invenção das Tradições* no qual o pesquisador britânico menciona sobre o uso do traje xadrez dos escoceses.

Barbosa Lessa encerra o assunto sobre a questão da criação e invenção das tradições regionais, afirmando que tudo foi adaptado para a cultura do Rio Grande do

Sul e que, caso algum peão de estância sentir “necessidade de desfilarem bem *pilchado* no dia 20 de setembro, pouco adianta um teórico fazê-lo compreender que isto seja bom, bonito, feio, atrasado, cívico, lindo ou reacionário” (LESSA, 1985, p. 69).

#### 4.2 35 CTG

No dia 24 de abril de 1948, vinte e quatro jovens estudantes do colégio Júlio de Castilhos e mais um grupo de ex-escoteiros, estes um pouco mais velhos, fundaram o centro de tradições gaúchas, o 35 CTG. Uma das primeiras discussões da nova entidade foi referente à forma que o grupo deveria seguir já que as duas tendências eram um pouco diferentes. O grupo do Colégio Júlio de Castilhos pretendia ser um movimento aberto e de expansão popular, enquanto o outro grupo, que incluía Hélio Moro e Glaucus Saraiva, propunha uma agrupação com um caráter mais fechado, com um número restrito de fundadores e a possibilidade de futuros substitutos (GOLIN, 1983). Na junção destas duas vertentes prevaleceu a ideia de Barbosa Lessa, ou seja, a da abertura social.

Nós temos que reconhecer que antes da fundação dos Centros de Tradições quase nada existia. Foi uma tremenda abertura para revitalizar a cultura popular. No fundo, nem todos estão preocupados com isso. O problema começa com a deficiência da nossa cultura nacional. Agora, nos currículos escolares, estão falando em tradição. Há 25 anos passados, poucos mais de geração, não se sabia como era a figura plástica do gaúcho nem da sua história, embora fatos e feitos do Velho Mundo fossem de domínio. (CÔRTEZ, 1981, p.20).

**Figura 3 – Primeira sede do 35 CTG.**



Fonte: MTG.

O 35 CTG serviu de molde para os demais Centros de Tradições Gaúchas, que começaram a surgir a partir de sua fundação, e por sugestão de Glaucus Saraiva, a organização interna seguiu um processo de nomeação dos cargos relacionados com certas funções existentes na estância, portanto os CTGs estruturam-se da seguinte forma: Patrão (Presidente), Capataz (Vice-presidente), Sota-Capataz (Secretário), Tesoureiro (Agregado das pilchas), Posteiros (Diretores), Peões (Sócios), Prendas (Sócias), Piás (Crianças), Invernadas (Departamentos) (MACIEL, 1999).

Diferentemente do Partenon Literário, que se tratava de um agrupamento de homens e mulheres que se interessavam pela literatura e pelas artes em geral e do Grêmio Gaúcho, entidade voltada a fins recreativos, culturais e esportivos, o 35 CTG foi uma instituição que pretendia vivenciar as tradições gaúchas. Mesmo com caráter aberto, era um grupo constituído exclusivamente por homens. Reuniam-se nos sábados à tarde em um galpão improvisado, na casa do pai de um dos participantes para imitar os hábitos da campanha, tomar mate, contar histórias, etc. Para Oliven (1991, p. 44), eles “queriam constituir um grupo que revivesse a tradição, e não uma entidade que refletisse sobre ela”. No entanto, a intenção de reviver as tradições e não apenas pensá-las, não afastou os intelectuais do 35 CTG, pelo contrário: em 1949, foi promovida uma pequena série de conferências com alguns escritores.

Este acontecimento aproxima-se do que descreveu Hobsbawm (2002) sobre a invenção das tradições, onde elementos antigos são usados novamente. Neste sentido, o autor destaca:

A utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastantes originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma abordagem elaborada. Composta de práticas e comunicações simbólicas. (HOBSBAWM, 2002, p. 14).

Segundo informou Barbosa Lessa em entrevista a Ruben Oliven, os objetivos do 35 CTG eram:

a) zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes, etc., e conseqüentemente divulgação pelos Estados irmãos e países vizinhos; b) pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul; c) fomentar a criação de núcleos regionalistas no Estado, dando-lhes todo o apoio possível. O centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa. (LESSA apud OLIVEN, 1992, p. 78).

Com a multiplicação dos CTGs pelo Estado, os tradicionalistas sentiram a necessidade de discutir quais rumos o Movimento deveria tomar:

Existiam duas posições: uma mais “aristocrática” achava ser preciso que houvesse maior preocupação com o nível “cultural” (entendido como cultura escolarizada) dos CTGs evitando que eles fossem apenas um lugar de entretenimento; outra achava ser justamente esse aspecto que era importante e que não deveria haver preconceito em relação à “cultura popular”. (OLIVEN, 1992, p. 81).

Em 1954, para discutir tais questões, os centros de tradições reuniram-se em um congresso em Santa Maria. Barbosa Lessa, na ocasião, apresentou sua tese “O sentido e o Valor do Tradicionalismo”, documento este que passou a ser a tese matriz do MTG, a qual define o tradicionalismo como:

Movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura: graças ao que a sociedade adquire maior tranquilidade na vida comum. (LESSA, 1954).

Após o primeiro Congresso, os tradicionalistas passaram a se reunir anualmente. Em 1961, no VII Congresso, realizado em Taquara-RS, foi aprovada a “Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho” redigida por Glaucus

Saraiva. (SARAIVA, 1961). Conforme Maciel (1994), a justificativa para que os tradicionalistas se apropriem da figura do gaúcho, está no poder que o Movimento desfruta na sociedade: o tradicionalismo constitui-se num movimento de grande força e penetração social, força essa que se traduziu no âmbito do poder público com a criação do Instituto Gaúcho de Tradições e Folclore, hoje uma fundação na qual os tradicionalistas possuem grande poder, o que faz com que a sua versão do gaúcho seja oficializada (MACIEL, 1994).

A partir de 1948, muitos Centros de Tradições Gaúchas se espalharam pelo Rio Grande do Sul. No entanto, esta expansão não parou por aí: CTGs foram abertos em vários Estados pelo Brasil, como Santa Catarina, Paraná, São Paulo e, até mesmo em outros países, como Estados Unidos e Japão.

## 5 CRIAÇÃO E RESGATE DAS DANÇAS GAÚCHAS

### 5.1 Primeiros passos

Em março de 1949, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes juntamente com outros componentes do 35 CTG foram convidados para participar de festejos do “Dia de la Tradición Uruguaya”, no qual os grupos locais apresentaram música e danças, e eles por sua vez perceberam que não havia nenhuma dança que eles pudessem apresentar. “Nós, os riograndenses, porém, não tivemos uma dança sequer que pudéssemos apresentar, por mais modesta que fosse, e que servisse para traduzir nossa alma popular!” (CÔRTEES; LESSA, 1968, p.5).

A riqueza de detalhes que as danças tradicionais dos platinos possuíam, deixaram clara a lacuna ainda aberta na tradição gaúcha sul-rio-grandense. Integrados com o esquecimento das músicas e coreografias em 1950, organizaram a “primeira excursão de pesquisas folclóricas” do 35 CTG, indo até o município de Osório, localizado no litoral do Rio Grande do Sul, para coletar as manifestações folclóricas. Esta excursão tornou-se histórica, pois nesse dia foi colhida a dança Pezinho, até hoje a mais popular entre as danças. “O Pezinho ressuscitou para as festas regionais do Rio Grande do Sul, e hoje é divulgado em diversos Estados da União como a mais bela manifestação do folclore gaúcho” (CÔRTEES; LESSA, 1968, p. 53).

Ainda em 1950 o 35 CTG foi convidado para realizar uma apresentação na III Semana Nacional de Folclore, realizada em Porto Alegre pela UNESCO. Para tanto, os integrantes do primeiro CTG tiveram que compor a sua apresentação com diversos elementos, como relata Barbosa Lessa no trecho abaixo:

Às pressas encomendamos vestidos de chita para nossas irmãs ou primas, tentamos reconstruir uma media-canha assistida em Montevideu e, na noite da festa, apresentamos ao público, por primeira vez, pedaços de coreografia que havíamos farejado aqui e ali: o “Caranguejo” e o “Pezinho”. O Pezinho era novidade absoluta. (...) O público, porém aceitou. Mais que isso: aplaudiu, muitíssimo. (LESSA, 1985, p.70).

Em 1955, foi lançado o primeiro “Manual de Danças Gaúchas”, no qual Barbosa Lessa e Paixão Côrtes dão constante ênfase no regionalismo de cada dança, afirmando que as danças mesmo sendo de mesma nomenclatura, eram dançadas de formas

peculiares em diferentes cidades. “As danças que apresentamos neste Manual, estão impregnadas do verdadeiro sabor crioulo do Rio Grande do Sul, são legítimas expressões da alma gauchesca (...)” (CÔRTEZ; LESSA, 1968, p.13).

Os dois autores, em diferentes publicações e entrevistas, relatam que para escrevê-lo percorreram o interior do Rio Grande do Sul coletando e registrando as melodias, letras e coreografias de danças antigas. No prefácio da primeira edição do livro, os autores afirmam: “O Manual que ora entregamos à divulgação representa, em parte, três anos de árduas pesquisas realizadas em 62 municípios do Rio Grande do Sul. Através deste trabalho procuramos devolver ao Rio Grande algo que ele infelizmente deixara se perder” (CÔRTEZ; LESSA, 1968, p.5).

Ao visitarem algumas cidades do estado obtiveram mais informações acerca das danças que “por último se difundiram no ambiente rural e que as gerações atuais executam ou executaram” (CÔRTEZ; LESSA, 1968, p.6). Sobre a frequência das diferentes danças que encontraram, eles explicam que:

Uma rápida estatística assinalaria em primeiro lugar, como índice de frequência em relação à população rio-grandense, as danças de salão lançadas por Paris no século passado. Seguem-se as danças trazidas pelos portugueses e açorianos, depois as trazidas por brasileiros de outros Estados (provavelmente receberam-nas 85 também dos portugueses). Em muito menor escala, por fim, registram-se as contribuições do gaúcho platino, as do imigrante alemão e as do negro. (...)Limitamo-nos a explicar, aqui, unicamente as danças mais características ou mais pitorescas que colhemos no ambiente gauchesco. Deixamos de lado diversas danças populares, por acharmos que as informações a elas referentes não eram dignas de absoluto crédito, no que respeita à autenticidade, ou por não terem representado papel de verdadeira relevância nos bailes da gente gaúcha. (...) Diversas danças foram excluídas deste manual por se tratarem de danças de fundo dramático ou por serem precisamente ligadas aos núcleos afro riograndenses ou às colônias de imigração. (CÔRTEZ; LESSA, 1968, p.6-7).

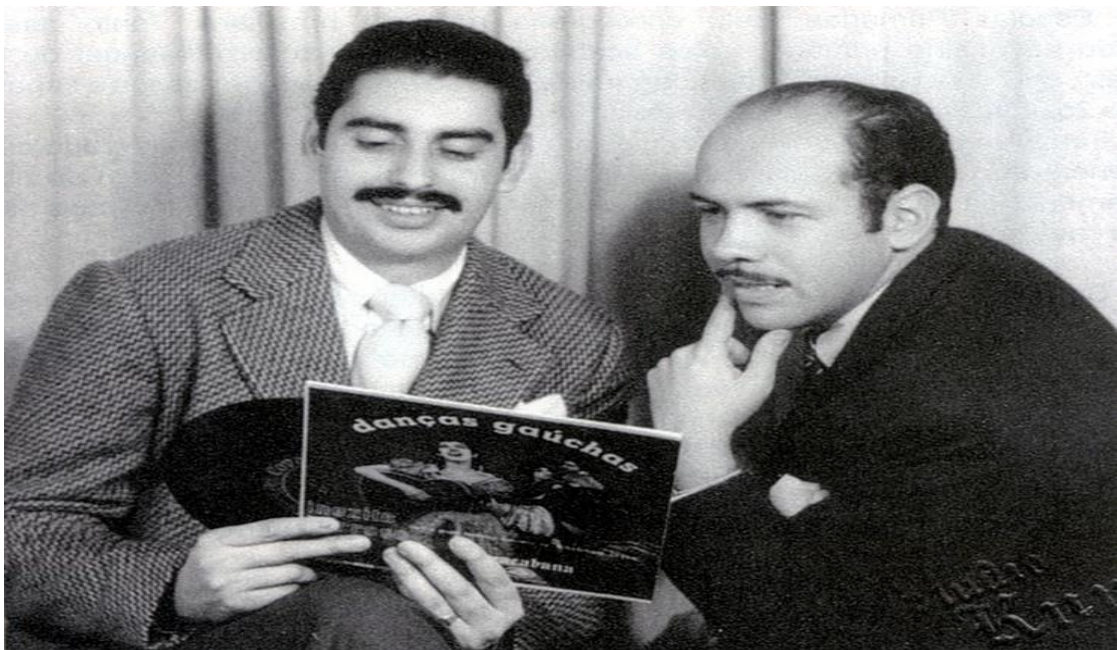
Na segunda edição do livro, publicado em 1957, no prefácio os dois autores esclarecem que, após ministrarem cursos de dança gaúchas em CTGs, em outras escolas de danças, como no Instituto Cultural Brasileiro-Norte americano de Porto Alegre e para professores de Educação Física, sentiram a necessidade de torná-lo um pouco mais pedagógico. Portanto, constam no manual: Ensinamentos Gerais - noções sobre a formação das danças populares; indumentária, instrumentos e saudação; conceitos indispensáveis; os sapateados; o sarandeio, pela dama. *Primeira Parte: Danças sem sapateado* – Chimarrita, Pezinho, Caranguejo, Cana-Verde, Maçanico, Quero-mana, Rilo, Meia-Canha (Polca de Relação), Pericom, O Chote, Chote de Duas Damas,



Rancheira, Rancheira de Carreirinha, Terol e Pau de Fita. *Segunda Parte: Danças com sapateado* – Tirana do Lenço, Anu, Balaio, Tatu, Chimarrita Balão, A Chula. Suplemento Musical e Ilustrativo – com listagem de todas as danças.

A partir da segunda publicação surgem novas edições e regulamentações para a execução das danças propostas pelo MTG como os ciclos, trejeitos e interpretação, no qual existem momentos de galanteios, flertes, brincadeiras e namoros. Conforme Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, nada mais por eles poderia ser acrescentado, pois em suas pesquisas passadas, as danças tradicionais gaúchas já haviam então sido incorporadas ao “patrimônio cultural do povo rio-grandense, principalmente por serem regularmente ensinadas nos Jardins de Infância, Escolas Primárias e respectivos Centros-Mirins de tradições gaúchas” (CÔRTEZ; LESSA, 1968, p.10). Ressaltam, também, que a aprendizagem destas danças se tornou mais fácil devido à divulgação fonográfica das suas melodias, como, por exemplo, através da gravação do LP “Danças Gaúchas”, cantado por Inezita Barroso.

**Figura 4** – Paixão Côrtes e Barbosa Lessa.



Fonte: Estância Virtual.

Cabe, aqui, retomar que foi graças à colonização tardia do Rio Grande do Sul em relação às outras regiões do país, trouxe danças de origem europeia, açorianas e alemãs. Segundo os pesquisadores, essas danças se desenvolveram por dois caminhos diferentes: o das danças dramáticas, de caráter religioso e o das danças de caráter

lúdico, realizadas em festividades cívicas ou comemorações particulares. Para os autores, as danças de salão executadas no antigo Fandango são oriundas dos centros de irradiação de modas e transformadas de acordo com as características de cada região. Elas foram agrupadas e denominadas de gerações coreográficas, podendo ser entendido por ciclos (OURIQUE, 2010).

São registrados quatro ciclos de danças, que estabelecem a interpretação e a postura do grupo ao dançar determinada dança pertencente a cada ciclo, cada um com características individuais distintas, que servem para orientar sobre os períodos históricos aos quais as referidas danças se manifestaram.

O primeiro ciclo chama-se Minueto. Conforme Ourique (2010, p. 15): “é uma dança em andante, com formação de figuras geométricas e mesuras... Com a criação de academias, a dança tomou forma requintada, onde um mestre de dança coordenava, com seu próprio exemplo, os passos e gestos comedidos e refinados de todo o conjunto”.

A seguir vem o ciclo do Fandango, com características espanholas, se tornando uma dança de galanteio e sedução (OURIQUE, 2010), onde as prendas possuem movimentos bem femininos e os peões galanteiam e sapateiam para elas, tornando-se os galanteadores daquela dança.

O Ciclo das Contradanças era conhecido como um dos mais alegres e divertidos de dançar, mas que requer atenção na evolução de suas danças.

Sobre o Ciclo das Danças de Pares Enlaçados, diz Ourique (2010, p. 19): “Sua característica alegre e envolvente logo levou o ritmo à preferência de muitos, com exceção das classes aristocráticas e camadas sociais mais altas, que a consideravam imoral e vulgar”.

## **5.2 MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho**

O Movimento Tradicionalista Gaúcho, mais conhecido como MTG, é uma associação civil sem fins lucrativos que teve origem nos anos de 1960 e foi oficialmente reconhecida no dia 28 de outubro de 1966. De acordo com o movimento, a história sobre seu surgimento pode ser contada a partir de vários momentos:

Alguns reconhecem como ponto de partida a fundação do Grêmio Gaúcho, por Cezimbra Jacques, em 1889. Outros, a ronda gaúcha, no Colégio Júlio de Castilhos, de 1947. Ainda há quem defenda como marco inicial a fundação do 35 CTG, em abril de 1948 ou a realização do 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1954, ou, ainda, a constituição do Conselho Coordenador, em

1959 (...) o importante é que, em 1966, durante o 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho realizado em Tramandaí, foi decidido organizar a associação de entidades tradicionalistas constituídas, dando-lhe o nome de Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG. (MTG, documento eletrônico).

O MTG foi criado como organismo que visava unificar as regras e as normas para o tradicionalismo gaúcho vivido dentro dos diferentes CTGs. Hoje, este é o MTG-RS, devido ao surgimento de CTGs fora do Rio Grande do Sul, primeiramente nos estados vizinhos Santa Catarina e Paraná, e posteriormente em outras regiões do país. Novos MTGs foram criados com o objetivo de regulamentar a atuação dos CTGs nos outros estados. Segundo os documentos oficiais, o MTG executa um papel centralizador e orientador destes centros e

Imprime um sentido filosófico de atuação organizadora, além de uma filosofia de trabalho uniformizado na linha do culto dos costumes. A importância do MTG é tão grande quanto o que abarca, envolve e comanda os CTGs e assim, pode-se ver o que assegura na manutenção do espírito da tradição e quanto se mantém em matérias de circulação da linguagem do gaúcho brasileiro. (LAYTANO, 1984, p.152).

O próprio MTG se define como:

uma associação civil. Possui personalidade jurídica e se caracteriza como de direito privado, sem fins lucrativos, com circunscrição em todo o território nacional e com número ilimitado de associados indicados sob a denominação de filiados. As entidades filiadas ao MTG são todas legalmente constituídas, com personalidade jurídica própria, conhecidas por Centro de Tradições Gaúchas ou outras denominações, que as identifiquem com a finalidade a que se propõe, que são as “entidades afins”. As Entidades Tradicionalistas filiadas ao MTG estão distribuídas nas 30 Regiões Tradicionalistas, as quais agrupam os municípios do RS. Existe uma administração específica para congregar as entidades estabelecidas fora do Rio Grande do Sul, denominada 40ª Região Tradicionalista. O MTG é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica, conforme descreve simbolicamente o Brasão de Armas do MTG, com as sete (7) folhas do broto, que nasce do tronco do passado. (MTG, documento eletrônico).

O MTG tem como principais objetivos:

1º - congregar os Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins para constituir uma associação que permite padronização de procedimentos e realização de atividades com abrangência estadual ou nacional das quais participam todos os filiados com interesse no tema.

2º - preservar o núcleo da formação gaúcha e a ideologia consubstanciada nos estudos da história, da tradição e do folclore, além do que constam nos documentos fundamentais, como as teses aprovadas em congressos e a Carta de Princípios que define os objetivos do tradicionalismo gaúcho desde o ano de 1961. (MTG, documento eletrônico).

Para participar do Movimento Tradicionalista Gaúcho, no Rio Grande do Sul, os tradicionalistas entendem que o pertencimento implica em certos modos de agir e ver o mundo. Para tanto exigem que se respeitem determinadas normas de vestuário, festivais, música, gastronomia, dança, entre outros. Essas normas têm por objetivo não distorcer a imagem idealizada de gaúcho conforme preconiza o MTG. Os CTGs nascem recriando, estilizadamente, as formas culturais dos deserdados do campo, mas enquadrando-as no brete ideológico em que haviam nascido, o que fica explícito nas quatro palavras-chave do movimento: galpão, patrão, peão e prenda (OLIVEN, 2006).

Cabe registrar ainda duas instituições que se vinculam ao tradicionalismo: a CBTG (Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha), entidade maior do Movimento Tradicionalista Gaúcho brasileiro, cujo objetivo é valorizar, defender, organizar, representar e promover as tradições e a cultura gaúchas, uma sociedade sem fins lucrativos, fundada em 1987; e o IGTF (Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore) que está vinculado à Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) fundado em dezembro de 1974, que tem como finalidade: promover estudos, pesquisas e a divulgação da cultura sul-riograndense e os valores, especialmente folclore, tradição, arte, sociologia e história.

### **5.3 ENART – Encontro de Artes e Tradição Gaúcha**

Segundo a UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, o ENART, é considerado o maior festival de arte amadora da América Latina. Trata-se de um evento promovido pelo MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), e possui grande importância para os tradicionalistas. É realizado anualmente no mês de novembro, na cidade de Santa Cruz do Sul, com o objetivo de difundir a cultura gaúcha através de concursos nas modalidades artísticas (QUADROS, 2017).

Tudo começou com uma grande competição entre os CTGs, no ano de 1983, para que as pessoas que frequentavam as aulas de alfabetização do MOBREAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização, tivessem um incentivo e estímulo no aprendizado, bem como evitar a evasão escolar. A ação deu certo e os tradicionalistas passaram a frequentar o ambiente escolar. O evento foi apresentado ao prefeito da cidade de Farroupilha-RS, que o assumiu, em 1985, tendo a sua primeira edição no

ano de 1986, sob o nome de FEGART, Festival Gaúcho de Arte e Tradição, sendo realizadas 11 edições, até o ano de 1996.

Após 11 anos, o evento passou a acontecer na cidade de Santa Cruz do Sul e desde 1997 não mudou mais sua sede. O nome mudou para ENART e permanece até hoje se consolidando no meio tradicionalista gaúcho. Ao longo dos anos, o evento passou por algumas mudanças significativas, como por exemplo, o aumento no número de categorias concorrentes, que abrangem diferentes aspectos da cultura gaúcha.

O evento é realizado em três etapas anuais que são: as regionais, as inter-regionais e a final. Participam do evento competidores de todo o Estado do Rio Grande do Sul, que atraem espectadores de todo mundo para conhecer e apreciar as tradições do povo gaúcho. No “Art. 1º - O Encontro de Artes e Tradição Gaúcha - ENART, tem por finalidade a preservação, valorização e divulgação das artes, da tradição, dos usos e costumes e da cultura popular do Rio Grande do Sul” (MTG, documento eletrônico).

No ENART são apresentadas quinze modalidades artísticas, dentre elas, Declamação, Danças de Salão, Chula, Conjunto Vocal e as Danças Tradicionais. As modalidades são divididas por palcos. A primeira fase é a regional. Nela, trinta regiões tradicionalistas passam para a segunda etapa: as inter-regionais. A etapa final ocorre em Santa Cruz do Sul, sempre no terceiro final de semana de novembro.

Os CTGs estão localizados por Regiões Tradicionalistas (figura 5) e os grupos também são separados por Regiões Tradicionalistas. Cada Região possui uma equipe com um coordenador, e cada Região organiza a 1ª Etapa do ENART, a Regional. Segundo regulamento do ENART, na primeira etapa regional classificam-se 7 (sete) ou mais concorrentes, conforme § 5º em cada uma das modalidades do ENART em cada RT.

§ 5º - Nas Regiões em que houver a realização da etapa regional, as classificações serão de acordo com o número de concorrentes (que se apresentarem), conforme quadro abaixo:

- De 7 a 9 concorrentes, classificam-se, 7 (sete);
- De 10 a 13 concorrentes, classificam-se, 8 (oito);
- De 14 a 16 concorrentes, classificam-se, 9 (nove);
- De 17 a 19 concorrentes, classificam-se, 10 (dez);
- De 20 a 22 concorrentes, classificam-se, 11 (onze);

E assim sucessivamente em todas as modalidades. (MTG, documento eletrônico).

**Figura 5** – Mapa das RT do Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: MTG.

Após as Regionais, os grupos classificados passam para a 2ª Etapa, a Inter-regional, a qual é organizada pelo MTG e possui 3 eliminatórias, contendo 10 RTs (Regiões Tradicionalistas) cada, sendo elas em cidades distintas e com as RTs correspondentes. Sucessivamente os CTGs que se classificarem na Etapa anterior, estão automaticamente participando do ENART, etapa final.

Em relação ao Concurso das Danças Tradicionais Gaúchas, elas são separadas por 3 blocos, onde os grupos sorteiam 3 danças de cada bloco. Estas danças são sorteadas 15 minutos antes da apresentação. São 40 Invernadas Adultas que participam do ENART na Categoria Danças Tradicionais e são divididas em 5 blocos de apresentação que iniciam na sexta-feira e vão até o sábado pela noite. De acordo com o regulamento, a cada ano irão a sorteio, para apresentação no concurso, 3 blocos, totalizando 18 ou 19 danças, colocadas em três urnas.

a) Na primeira urna serão colocadas as seguintes danças: Anu, Quero Mana, Sarrabalho, Chimarrita, Maçanico, Chote de “Quatro Passi”, Chote Inglês.

b) Na segunda urna serão colocadas as seguintes danças: Pau-de-Fitas, Roseira, Meia Canha, Rilo, Balaio, Cana Verde, Caranguejo.

c) Na terceira urna serão colocadas as seguintes danças: Rancheira de Carreirinha, Tirana do Lenço, Chimarrita Balão, Chico Sapateado, Tatu de Volta no Meio, Tatu, Pezinho, Chote Carreirinho, Chote de Duas Damas, Havaneira Marcada, Chote de Sete Voltas (MTG, documento eletrônico).

Após o sorteio, o grupo tem 15 minutos de conversa, e em seguida, a apresentação de 20 minutos no tablado. As Danças Tradicionais são avaliadas pelos seguintes requisitos: correção coreográfica, harmonia de conjunto e interpretação artística. Cada jurado destes requisitos possui uma planilha organizada pelo MTG.

Nelas, somam ou descontam notas conforme critérios de avaliação que existem, e também através de mudanças que podem ocorrer durante Congressos Tradicionalistas e Cursos. Nestes 20 minutos de apresentação também estão incluídas as coreografias de Entrada e Saída do grupo ao tablado. As Entradas e Saídas são coreografais com um contexto histórico, e um fim. Nelas os grupos pesquisam um tema que se encaixe no contexto do Rio Grande do Sul, e através de movimentos e teatralidade abrem as apresentações de cada Grupo de dança concorrente. De acordo com Côrtes (1991, p. 16).

Vale dizer que o item 'Entrada e Saída' tem uma ação criadora livre e de menos peso, no contexto da dança propriamente dita, atendendo-se mais ao 'mis-em-scene' do espetáculo. Portanto, pode ser opcional. Atente-se também que as 'entradas-saídas' não devem fugir ao sentido musical, coreográfico e vocal de temas inspirados em motivos típicos de nosso folclore, da nossa tradicionalidade ou de raiz do gaúcho rio-grandense. Portanto, ausente de manifestações culturais – artísticas alienígenas deste ou daquele país, mesmo sul-americano, se é que se pretenda defender o patrimônio regional da nacionalidade brasileira e não se venha cair em modismos recentes, motivados por comunicação massificada audiovisuais e dirigidas. Recomendam-se tais peças – 'entrada-saída', quando eventualmente apresentada, andem ao redor de três minutos no seu global, distribuídos harmoniosamente. (CÔRTEZ, 1991, p. 16).

Desde o FEGART, as coreografias de Entrada e Saída vem sendo executadas; com o passar dos anos, elas foram evoluindo, e muitos grupos chamam atenção pelas suas pesquisas, elementos cênicos e interpretação por parte dos bailarinos. Os grupos recebem troféu por melhor coreografia de Entrada e Saída. Na planilha, os requisitos são: criatividade do tema escolhido, coerência, comprometimento com a tradição do RS, música, harmonia e desenvolvimento coreográfico.

Ao concluir este capítulo cabe-nos refletir sobre a ideia com a qual Barbosa Lessa, Paixão Côrtes e Glaucus Saraiva deram início ao movimento tradicionalista

gaúcho. Entretanto, não se mantiveram na liderança, dando espaço para o atual MTG, que dita como devem ser tratadas as tradições dentro e fora dos galpões.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei contemplar neste trabalho a biografia de Barbosa Lessa, suas obras, um pouco da história das danças gaúchas, bem como do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e a sua importância nos dias atuais.

Barbosa Lessa foi um dos principais mentores e articuladores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, tendo em sua vida publicado em torno de 61 obras, entre contos, músicas e romances. Juntamente com Paixão Côrtes e Glaucus Saraiva ficaram conhecidos como “A Santíssima Trindade”, pois juntos contribuíram para a maior parte do que se conhece atualmente na cultura gaúcha.

As pesquisas iniciais de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes tinham como preocupação o ensino e a divulgação das danças gaúchas através de cursos em escolas primárias, o incentivo à formação de invernadas artísticas nos CTGs, e o estímulo à formação de grupos artísticos voltados para as músicas e as danças gaúchas. Dessa forma as danças tradicionais do Estado foram se projetando em diversos encontros e festivais, inclusive para fora do país.

Apesar de o MTG não conseguir controlar todas as expressões do Estado, é considerado pelas suas lideranças como o maior movimento de cultura popular do mundo ocidental e, é responsável por movimentar e envolver milhares de pessoas em suas atividades, demarcando assim o seu espaço social de uma forma muito sólida.

Ao realizar este trabalho pude perceber que a história do Rio Grande do Sul é extensa, com muitos desdobramentos e personagens importantes, dignos de um estudo aprofundado, portanto fica aqui a primeira parte de um trabalho ao qual tenho a pretensão de dar continuidade, pois este se configurou como um pequeno caminho, uma referência inicial para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

### > Referências citadas:

CÔRTEZ, J.C.P. **Falando em Tradição e Folclore Gaúcho** (excertos jornalísticos). Editora do autor, 1981.

CÔRTEZ, J.C.P. **Danças gauchescas e a carta de Vacaria**. Canoas: Gráfica Linck, 1991.

CÔRTEZ, J.C.P. **Origem da Semana Farroupilha, primórdios do Movimento Tradicionalista**. Porto Alegre, editado pelo autor, 1994.

CÔRTEZ, P.; LESSA, B. **Manual de Danças Gaúchas** (com suplemento musical e ilustrativo). São Paulo/Rio de Janeiro: Irmãos Vitale Editores, 3ª ed. 1968.

DE LIMA, D.V.M. Desenhos de pesquisa: uma contribuição para autores. **Online Brazilian Journal of Nursing**. May, Vol. 10 Issue 2, p1-14. 1p. 1 Chart. 2011.

DUARTE. R. Barbosa Lessa: O Peão da Palavra. **Revista FOX**. IEL. 2000.

FIGUEIREDO, J.B.D. **A tradução da tradição: gaúchos, guaxos e sombras: o regionalismo revisitado de Luiz Carlos Barbosa Lessa e de Ricardo Güiraldes**. 2006.

GOLIN, T. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

HOBSBAWN, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (Orgs). **A invenção das tradições**. Traduzido por Celina C. Cavalcanti. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LAYTANO, D.D. **Folclore do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

LAMBERTY, S.F. **ABC do Tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre, Martins Livr. Ed., 1989.

LESSA, L.C.B. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre, L&PM, 1985.

LESSA, B. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Santa Maria: [s.e.], 1954. Disponível em: <[http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/pag\\_teses.php](http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/pag_teses.php)> Acesso em: 26 de novembro de 2019.

MACIEL, M.E.D.S. Considerações sobre gaúchos e colonos. In: BAQUERO, Marcelo, et al. **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1994.

MACIEL, M.E.D.S. **A memória tradicionalista: os fundadores**. Trabalho apresentado XXIII Encontro Anual da ANPOCS, 1999.

MENDONÇA, R.D. **O tradicionalismo gaúcho em cena: a experiência do teatro folclórico Em não te assusta, Zacaria!**. 2013.

MTG-RS. **Movimento Tradicionalista Gaúcho**. Disponível em: <https://www.mtgrs.ubtg.com.br/home/>. Acesso em Outubro e Novembro de 2019.

NEDEL, L.B. **Um passado novo para uma história em crise: Regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)**. 2005. Tese (Doutorado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

OLIVEN, R.G. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Ano 6, n. 15, fevereiro de 1991. p.40-52. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=222:rbc-15&catid=69:rbc&Itemid=399](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=222:rbc-15&catid=69:rbc&Itemid=399)> Acesso em: 16 de novembro de 2019.

OLIVEN, R.G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEN, R.G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

OURIQUE, A. (Org). **Danças Tradicionais Gaúchas**. 3ª ed. Porto Alegre: Gráfica Calábria, 2010.

PÁGINA DO GAÚCHO. **Luiz Carlos Barbosa Lessa**. Disponível em: <http://www.paginadogaicho.com.br/barbosalessa/>. Acesso em: Outubro e Novembro de 2019.

QUADROS, J.S.D. **O estudo da história do Rio Grande do Sul a partir das coreografias dos centros de tradições gaúchas**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Dança). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SARAIVA, G. **Carta de princípios**. Taquara: [s.e.], 1961. Disponível em: <[http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/pag\\_cartadeprincipios.php](http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/pag_cartadeprincipios.php)> Acesso em: 27 de novembro de 2019.

ZALLA, J. **O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas**. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.

**> Referências consultadas:**

CÔRTEZ, P; LESSA, B. **Manual de danças gaúchas**. 7ª ed. – São Paulo: Irmãos Vitale, 1997.

LESSA, B.; CÔRTEZ, J.C.P. **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. Porto Alegre: Garatuja, 1975.